

Perdas e lutos na velhice: considerações acerca da morte e da finitude no processo de envelhecimento.

Losses and grief in old age: considerations about death and finitude in the aging process

Isabelle Vieira da Silva¹, Richardson de Paula Campos da Silva², Camila Miranda de Amorim Resende³

Como citar esse artigo. SILVA, I. V. SILVA, R. P. C. RESENDE, C. M. ;A. Perdas e lutos na velhice: considerações acerca da morte e da finitude no processo de envelhecimento. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 122-135, set./dez. 2025.



Resumo

O aumento do número de idosos na sociedade elevou o investimento em estudos específicos sobre essa etapa do desenvolvimento. Tal fato proporciona uma maior atenção sobre o fenômeno da velhice, bem como o fomento à elaboração de pesquisas e ações voltadas para esse contexto existencial. A partir disso, um tema que ganha destaque é o fenômeno da morte e da finitude. Proporcionar uma escuta sobre essa temática a pessoas que estão experienciando a velhice se torna, pois, relevante. O objetivo deste trabalho é compreender como os idosos, que frequentam uma instituição pública, se relacionam com a temática da morte e da finitude. Esta é uma pesquisa bibliográfica, descritiva e de campo. O estudo foi desenvolvido de maneira qualitativa, por meio de entrevista semiestruturada e grupo focal. A partir do que foi apresentado é possível perceber que quando se fala sobre a morte e a finitude, na maioria dos casos, há um estranhamento por parte das pessoas. Isso porque tais temas são encarados por muitos como um assunto a ser evitado. Foi percebido, também, como os idosos se apropriam da temática religiosa para trazer conforto e respostas sobre questões relacionadas a morte e finitude. Nota-se a importância de falar sobre morte e finitude para que os idosos possam refletir sobre o panorama geral de suas vidas, inclusive o tempo que ainda lhes falta, levando em conta o fato de que há diversas maneiras de obter qualidade de vida, não se limitando aos desafios impostos pela idade avançada.

Palavras-chave: Velhice; Envelhecimento; Morte; Finitude.

Abstract

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

The increase in the number of elderly people in society has increased investment in specific studies on this stage of development. This fact provides greater attention to the phenomenon of old age, as well as encouraging the development of research and actions aimed at this existential context. From this, a theme that gains prominence is the phenomenon of death and finitude. Providing a hearing on this topic to people who are experiencing old age therefore becomes relevant. The objective of this work is to understand how elderly people, who attend a public institution, relate to the theme of death and finitude. This is bibliographic, descriptive and field research. The study was developed qualitatively through semi-structured interviews and focus groups. From what has been presented, it is possible to see that when talking about death and finitude, in most cases, there is a sense of strangeness on the part of people. This is because such topics are seen by many as a subject to be avoided. It was also noticed how the elderly appropriate religious themes to bring comfort and answers to questions related to death and finitude. The importance of talking about death and finitude is noted so that the elderly can reflect on the general panorama of their lives, including the time they still lack, because there are several ways to obtain quality of life, not limited to the challenges imposed by advanced age.

Keywords: Old age; Aging; Death; Finitude.

Afiliação dos autores:

¹Graduada do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Geraldo di Biase (UGB).

²Graduada do curso de Psicologia do Centro Universitário Geraldo di Biase (UGB).

³Psicóloga, doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRJ) e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Geraldo di Biase (UGB).

E-mail de correspondência: richardsoncampos1@gmail.com

Recebido em: 13/11/2024. Aceito em: 16/09/2025.

Introdução

Com a ampliação do fenômeno da longevidade, em grande parte proveniente dos desenvolvimentos na área da saúde, há uma tendência de crescimento do quantitativo de idosos na sociedade. Tal aumento conduziu ao investimento em estudos específicos sobre esta etapa do desenvolvimento, em especial a partir do século XXI no ocidente, assim como o aumento do número de profissionais especializados na área. Há, portanto, uma maior atenção sobre o fenômeno do envelhecimento, bem como o fomento à elaboração de pesquisas, leis, políticas e ações voltadas para este contexto existencial. Amplia-se o interesse por conhecer, debater e discutir sobre assuntos relacionados especificamente à velhice.

Por outro lado, apesar de haver cada vez mais investimento e formação acerca das temáticas que contemplam a velhice, observa-se a invisibilidade de pessoas idosas que, por comumente não estarem mais ativas laboralmente, passam a ser vistas como “incapazes” (Piletti; Rossato; Rossato, 2014). Tal desvalorização da velhice faz com que a saúde mental destas pessoas fique prejudicada, o que é acentuado pelas inúmeras perdas e lutos vivenciados por elas em decorrência das mudanças que se apresentam interna (mudanças psíquicas, percepção das diferenças geracionais etc.) e externamente (envelhecimento do corpo, limitações em decorrência da idade etc.), assim como por mudança de papéis que desempenham ao longo da vida. A velhice, desse modo, muitas vezes se apresenta como um período de solidão e fragilidade no qual a finitude (mesmo irrefletida) se faz presente, visto que “[...] a velhice resguarda no corpo a degeneração, o declínio, o adoecimento rumo à morte” (Piletti; Rossato; Rossato, 2014, p. 227).

Levando em conta um olhar profissional de cuidado e atenção com os idosos e questões específicas da velhice, alguns temas ganham destaque, em especial para a Psicologia. Reflexões sobre o fenômeno da morte e da finitude aparecem como temas pertinentes para serem discutidos, especialmente entre idosos, uma vez que, como destaca Kovács (1992, p. 9): “em termos de desenvolvimento chegamos a uma fase conhecida como velhice, que como vimos, não tem um início definido, mas cujo fim é claramente a morte”. Proporcionar uma escuta sobre esta temática a pessoas que estão experienciando essa etapa da vida se torna, pois, relevante.

Velhice: diferentes culturas e épocas, diferentes compreensões, diferentes sociedades

Ao longo da história da humanidade, sob diversas circunstâncias e de acordo com distintas civilizações e perspectivas, o envelhecer se tornou fonte de teorias e estudos. Muitas foram as teorias e caminhos pelos quais esse fenômeno foi estudado: o “ser velho” já teve um caráter positivo e um caráter negativo, dependendo da sociedade e do tempo histórico em que se analisava.

Ao se analisar a história, verifica-se que em algumas sociedades antigas, os velhos eram valorizados, em virtude de sua experiência, auxiliando os mais jovens em suas atividades diárias, transmitindo seus conhecimentos adquiridos no transcorrer da vida. Já na Grécia, o envelhecimento era visto conforme a classe social. Se pertencentes à elite, detinham o poder político, econômico e cultural, sendo reconhecidos como sábios, diferentemente daqueles pertencentes às classes sociais inferiores, que representavam a invalidez, a doença e a morte (Horn, 2013 *apud* Dardengo; Mafra, 2018, p. 4).

Atualmente, ainda há diferenças de significado quando falamos sobre velhice. Ao mesmo tempo em que o velho pode ser visto como incapaz e improdutivo, há também um movimento de investimento em práticas que valorizam esta etapa da vida, abarcando aspectos de saúde, lazer, representatividade, educação etc. Levando em conta algumas culturas do Oriente, nas quais o velho muitas vezes é referenciado por sua sabedoria, percebe-se que há ainda vivências e visões múltiplas sobre a velhice na atualidade (Dardengo; Mafra, 2018). De todo modo, pode-se dizer que:

a temática do envelhecimento e da longevidade humana existia desde a mais remota

história, tendo seu enfoque na busca da eterna juventude. E nas últimas décadas, teve maior destaque devido ao aumento do número de idosos em todo mundo, e por se tornarem objeto de estudo na comunidade acadêmica. Desta maneira, a velhice e o processo de envelhecimento nas culturas primitivas demonstram que existiam várias formas de se pensar e viver a velhice, não havendo formas pré-definidas, mas um conjunto de situações particulares, considerando-se as especificidades de cada cultura. (Dardengo; Mafra, 2018, p. 8)

No Brasil existe uma legislação que contempla a idade na qual a pessoa é considerada idosa. A Lei Federal nº. 10.741, de 2003, em seu artigo 1º, institui “[...] o Estatuto da Pessoa Idosa destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (Brasil, 2003). Porém, o ser idoso vai além de aspectos legais. Existem diversas teorias que se propõem a explicar a velhice o processo do envelhecimento.

Velhice e envelhecimento

Para tratar desta temática é importante fazer uma diferenciação entre velhice e envelhecimento. Compreende-se que a

[...] velhice é apenas um momento específico dentro do processo de envelhecimento, sendo caracterizado pela redução do funcionamento de diversas funções orgânicas. O envelhecimento é considerado como sendo um processo no qual estão envolvidas as imagens da vida percebidas desde o nascimento (Dardengo; Mafra, 2018, p. 18).

De maneira geral, o que se sabe é que

O envelhecimento humano é um processo gradativo que engloba aprendizagem, desenvolvimento e amadurecimento, no entanto o avanço progressivo do tempo pode culminar em diversas perdas físicas, sociais, cognitivas e exige intensa elaboração emocional do sujeito que envelhece visando uma adaptação saudável às mudanças desta fase que avança (Kreuz; Franco, 2017, p. 169).

Kovács (2005) destaca que há algumas imposições e restrições que atravessam de forma negativa o processo de envelhecer. Essas dizem respeito a alguns impactos que o idoso sofre em diversos âmbitos sociais, como:

[...] a saída dos filhos, impondo muitas vezes restrições no convívio social e de lazer; a aposentadoria compulsória, com a qual pode haver afastamento de suas atividades laborais e produtivas e consequentes redução de renda e do convívio, assim como abalos no senso de utilidade; a constatação de que os pares estão morrendo ou ainda, o enfrentamento da viuvez e da solidão; a ausência de papéis sociais valorizados; o aparecimento de doenças ou comorbidades; o declínio da beleza e do vigor físico; a perda do exercício pleno da sexualidade; a perda da perspectiva de futuro (Bromberg, 2000; Kovács, & Vaiciunas, 2008; Silva, Carvalho, Santos, & Menezes, 2007). Com isso, cabe ao idoso organizar-se para empreender mudanças no estilo de vida e fazer uso efetivo de seus recursos emocionais para atuar sobre a realidade de perdas concretas e simbólicas (Kreuz; Franco, 2017, p. 169-170).

Lutos, perdas e morte na velhice

As pessoas idosas, em especial, vivenciam diversos tipos de lutos, principalmente nas sociedades ocidentais, visto que:

A sociedade ocidental não oferece um lugar de destaque aos seus idosos e estes precisam enfrentar mais perdas do envelhecimento do que ganhos da maturidade (BROMBERG, 2000). Neste contexto, seus lutos podem decorrer de perdas nos âmbitos social, financeiro, fisiológico e simbólico (Kreuz; Franco, 2017, p. 169).

Também nessa etapa da vida, a finitude começa a se tornar mais perceptível, visto que depois da velhice o fim inevitável de todos os seres humanos é a morte. Desta forma,

O avanço da idade traz também a vivência de várias perdas não ligadas necessariamente a doenças e suas consequências. Assim, além das perdas vividas na infância e adolescência, o idoso passa a perder pessoas de sua faixa de idade, já que a morte está relacionada com a velhice. São perdas muito dolorosas, como, por exemplo, um cônjuge, com o qual se viveu toda a vida, e cuja morte pode significar o arrancar de um grande pedaço; uma vida que foi construída a dois, agora, precisa ser continuada só. Além do cônjuge, outras figuras de referência, como os amigos, também se vão, ficando presente a ideia de “que o último a ficar terá que apagar a luz”, o temor de que não sobre mais nenhum dos amigos (Kovács, 2005, p. 487-488).

Diante desse cenário, o idoso acaba se confrontando com questões relativas à sua própria morte. A relação dos seres humanos com a morte sofreu variações ao longo dos tempos. O historiador francês Philippe Ariès (2012; 2000) se dedicou ao tema da morte em duas obras originais de 1977, sendo elas “A história da morte no Ocidente”, e “O homem diante da morte”. Segundo o autor, a morte é historicamente representada sob diferentes formas, sendo que em épocas mais remotas ela tinha um caráter mais público e era vivenciada por todos de maneira coletiva, sendo os rituais e expressões de tristeza incentivados durante dias e a preocupação com o pós-morte era compartilhada por todos de forma transparente. A partir do século XX, a morte passou a ser escondida e isolada, ou seja, tudo o que contemplava esse tema passou a ser expulso da consciência das pessoas com o intuito de proteção da vida. Assim, “o grande valor do século atual é o de dar a impressão de que ‘nada mudou’, a morte não deve ser percebida” (Kovács, 1992, p. 38).

Assim, a morte foi sendo “isolada”, levada a um âmbito mais particular e sigiloso no qual se busca a todo tempo ignorar a existência deste fenômeno. Porém, quando se é necessário passar por ele, as instituições (família, religião, Estado, mercado e ciência) atuam de modo a dar rápida resolução ao acontecimento (Mattedi; Pereira, 2007).

Na velhice, o fenômeno da morte/finitude ganha ainda mais notoriedade visto que esta fase do desenvolvimento

[...] permitiu que se fizessem estudos sobre o processo de morte. A chamada “morte natural” é a que não ocorre por acidentes ou doença fatal. Do ponto de vista bioquímico a morte se configura como uma falta de regeneração, mas é difícil descobrir qual a sua causa e o seu processo. (Kovács, 1992, p. 9)

A autora Maria Julia Kovács em sua obra intitulada “Educação para a Morte” (2005) diz que:

A velhice pode ser um tempo de balanço, de significação e ressignificação da vida, e também um tempo de se preparar para seu fim e para a morte – mas o que se vê é que esta última

continua um tema tabu, sobre o qual não se deve falar porque poderá provocar sofrimento e, principalmente, constrangimento (Kovács, 2005, p. 488).

A finitude humana, assunto tabu para muitos, é tema da obra “Sobre a morte e o morrer” da autora Elisabeth Kübler-Ross (1992) que traz considerações e reflexões acerca desse tema, baseado em suas vivências com pacientes terminais. Ela elencou diversas considerações acerca do encontro inevitável com a morte, resultando no famoso conceito dos 5 estágios do luto (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação) onde as pessoas, ao se depararem com uma doença ou situações ameaçadoras da vida, lançariam mão desses recursos psíquicos no enfrentamento da finitude. A principal preocupação de Kübler-Ross é demonstrar que, embora a terminalidade possa ser assustadora para a maioria das pessoas, ela faz parte da vida e muito pode ser feito ainda neste momento.

Assim, levando em conta a certeza da morte, a velhice convoca quem a vivencia a encarar algumas questões e reflexões. Nesse movimento, o idoso pode se deparar com questões sobre a vida que não tinham sido consideradas anteriormente, o que abre outras possibilidades de discussão sobre o tema.

A importância de se falar sobre a morte

Como em algumas culturas a morte ainda é afastada e conduzida na maioria das vezes como um assunto evitável, muitos idosos têm certos atravessamentos e receios ao refletir sobre o tema, além, também, de certas preocupações no que diz respeito à preparação para a morte. Apesar de muitos idosos terem vontades específicas em relação a tomadas de decisões associadas à sua própria finitude, quer seja sobre sua saúde, aspectos financeiros, religiosos, afetivos etc., na maioria das vezes não se manifestam visto que a sociedade não costuma proporcionar espaços para que o tema da morte seja discutido e refletido, nem com os familiares ou mesmo com os profissionais de saúde (Giberti; Rosa, 2020).

Ao contrário do que se pensa, muitos profissionais da saúde apresentam receio em falar sobre a morte com seus pacientes, fato que pode estar atrelado à construção particular do sujeito dentro de uma sociedade em que esse tema é tabu, sendo a percepção e a reflexão sobre a morte desviadas também dentro da formação acadêmica e profissional de diversas especialidades, o que dificulta que diversos profissionais lidem bem com esta temática, entrando em contato somente quando não tem outra opção - muitas vezes de maneira superficial (Giberti; Rosa, 2020).

No entanto, falar sobre a temática da morte e da finitude na velhice é fundamental uma vez que se percebe que socialmente

[...] ocorre grave distúrbio na comunicação que denominamos conspiração de silêncio; observam-se pais que não sabem se devem falar ou não sobre a morte de um parente próximo, professores que se vêem às voltas com perguntas insistentes sobre mortes de ídolos, de pequenos companheiros, de amigos, e profissionais de saúde que se empenham numa luta de vida e morte contra as doenças, e que, muitas vezes, vêem seus empenhos frustrados, e não sabem o que e como falar com seus jovens pacientes e familiares sobre o porquê da não melhora e sobre a possível morte. Há idosos que perdem cônjuges com os quais compartilharam uma vida toda e que sentem que a vida acaba por ocasião da morte, ou que sofrem de longas doenças degenerativas que causam grandes dores, limitações e sofrimento e das quais não têm com quem falar. Essas são questões cotidianas. O desenvolvimento da tecnologia médica e dos diagnósticos e tratamentos cada vez mais sofisticados trouxe o prolongamento da vida, embora nem sempre tenhamos garantia da qualidade desta, principalmente no caso dos idosos. A importância de focar o tema da morte está ligada ao fato de que, ao falar desta, estamos falando de vida e, ao falar de vida, a qualidade da mesma acaba sendo revista (Kovács, 2005, p. 487).

Objetivo

Este trabalho busca compreender como idosos se relacionam com a temática da morte e da finitude. Para isso, realizou-se a conceitualização, a partir de uma pesquisa bibliográfica, sobre o fenômeno da morte e da finitude dentro do contexto da velhice. Em seguida, foram levantados dados por meio de uma pesquisa empírica/experiência de campo realizada por observação e grupo focal com idosos que frequentam uma instituição pública de um município do sul fluminense, para conhecer a relação e a percepção destes no que diz respeito a morte e a finitude.

Por fim, foi feita uma articulação dos aspectos teóricos e empíricos da pesquisa que auxiliaram na compreensão acerca das perdas e lutos, com foco específico em como se dá a relação de idosos com a morte e a finitude no processo de envelhecimento, especificamente na velhice.

Metodologia

Esta é uma pesquisa bibliográfica, descritiva e de campo. A pesquisa bibliográfica, realizada em um primeiro momento, teve como finalidade conhecer o que a teoria apresenta sobre os aspectos relativos à temática da morte e da finitude na velhice. Esse tipo de pesquisa “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p. 50). Já a pesquisa descritiva procura descrever os dados obtidos em campo para que se possa verificar empiricamente o que se propõe neste trabalho, qual seja, a percepção que os idosos que frequentam uma instituição pública têm a respeito da morte e da finitude. O caráter descritivo da pesquisa, por sua vez, tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28).

A abordagem utilizada foi a qualitativa que “tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (Maanen, 1979, p. 520 *apud* Neves, 1996, p. 1).

Este trabalho consistiu em uma pesquisa de campo com idosos que frequentavam, na época das entrevistas, uma instituição pública de um município do sul fluminense que promove um cuidado com pessoas idosas proporcionando acolhimento e convivência a idosos que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

O contato com os idosos foi planejado e realizado a partir de observação e grupo focal a fim de coletar dados sobre o tema em questão, qual seja a percepção dos mesmos sobre a morte e a finitude na velhice e como eles se relacionam com esse tema. O grupo focal foi embasado em um roteiro prévio com algumas perguntas norteadoras sobre os idosos. Dentro do grupo focal as falas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Sobre esta técnica,

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (Trad, 2009, p. 780).

A literatura recomenda que os grupos focais sejam formados a partir de 06 até o máximo de 15 pessoas (Ressel *et al.*, 2008). O grupo deve ser realizado a partir de uma roda, já que a formação em círculo permite com que haja “a interação face a face, o bom contato visual e, ainda, a manutenção de distâncias iguais entre todas as participantes, estabelecendo o mesmo campo de visão para todas” (Ressel *et al.*, 2008, p. 781). Ainda dentro da perspectiva dos grupos focais, em que há a necessidade de

que se tenha um moderador e um observador (Trad, 2009), cada um dos entrevistadores deste trabalho realizou um desses papéis, conduzindo a técnica de acordo com a literatura previamente consultada.

A pesquisa contou com a participação de idosos com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, sendo o critério de exclusão as pessoas que não desejaram participar e as que possuíam idade inferior a desejada. Esperava-se a participação média de 15 idosos, porém em virtude do comprometimento cognitivo (demências, perdas de memória e outros) de alguns, a equipe técnica nos orientou a não realizar com todos e desenvolver a pesquisa com apenas 8 participantes. O projeto foi previamente apresentado a partir de um ofício e uma carta de anuência por parte do Centro Universitário para o órgão público que responde pela instituição foco de estudo, tendo sido aprovado e autorizado pelo Comitê de Ética.

Resultados e discussão

O contato com o campo de pesquisa iniciou-se após a aprovação do Comitê de Ética e foi realizado em 6 idas à instituição entre os meses de setembro e outubro de 2023. O grupo focal foi realizado bem depois do planejado por conta da agenda das psicólogas da instituição com os idosos e da necessidade colocada por essas profissionais de uma aproximação inicial dos pesquisadores com os idosos, na qual a orientação foi que fosse abordado a temática da pesquisa de um modo mais leve.

A proposta criada pelos pesquisadores para este encontro se baseou em uma música (“Ela, a morte” de Germano Mathias) e em uma imagem (de um senhor sentado numa cadeira com uma xícara de café e um porta-retrato nas mãos olhando uma cadeira vazia). Após a apresentação da música aos idosos, alguns dançaram, outros ficaram escutando, outros pareciam não estar prestando atenção. Quando perguntados sobre quais os sentimentos e as mensagens que haviam captado na música, muitos não souberam dizer, apenas falaram que era antiga. As psicólogas da instituição puxaram algumas frases para instigá-los, mas, como eles não avançaram muito nesse sentido, adentrou-se na próxima etapa, mostrando a imagem.

Foi perguntado o que eles viam na imagem, o que eles achavam que a imagem representava. Alguns apenas mencionaram aspectos como o fato de o homem estar segurando uma xícara de café, outros disseram que ele parecia triste, outros que ele parecia estar com saudade de alguém que um dia estivera sentado (ou que estaria esperando que uma pessoa se sentasse) ao lado dele. Foi perguntado o significado de “partir” para eles e, ao falarem que se referia a uma pessoa que não estava mais ali, foi questionado o que eles achavam que poderia ter acontecido a esta pessoa. Alguns falaram que a pessoa poderia estar viajando, estar doente, ter morrido etc.

Após a imagem passar por todos, foi mencionado o fato de a temática da morte estar presente tanto na música como na imagem e que ela faz parte da vida. Uma das idosas, que participou do encontro mas não continuou no grupo focal, disse que na velhice tudo acaba e uma psicóloga da instituição pontuou que não necessariamente, que eles ainda realizavam atividades, como as propostas pela instituição. Alguns deles contribuíam mais diretamente, mas a maioria divagava sobre outras questões sem focalizar muito na temática da morte.

Ao final do encontro, foi explicado que a pesquisa a ser desenvolvida ali seria sobre a morte. Foi destacado que a morte se faz presente em diversos contextos (como na COVID-19) e que o objetivo era compreender como eles percebem a morte. Foi falado sobre o grupo focal ser de participação voluntária e se voltar para a temática da morte de maneira mais espontânea, a partir de conversas sobre a morte em si, sobre perdas, sentimentos etc. Nove idosos aceitaram participar.

Os idosos que aceitaram participar, após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram informados que o grupo focal seria gravado para análise posterior buscando registrar o conteúdo coletado da forma mais fiel possível. No dia do grupo focal uma das senhoras que participaria do estudo não pôde estar presente. Com isso, no total participaram 8 idosos que frequentavam a instituição em questão. Nenhum deles exerce qualquer tipo de atividade remunerada. As siglas utilizadas para mencionar cada um deles são fictícias a fim de preservar suas identidades.

GB tem 80 anos de idade, mora com o filho e é da religião evangélica. DÇ tem 85 anos de idade, mora com a filha e é da religião católica. VJ tem 76 anos de idade, mora sozinha e é da religião evangélica. CR tem 83 anos de idade, mora com as filhas e é da religião evangélica. CG tem 84 anos de idade, mora com a neta e é da religião evangélica. VF tem 74 anos de idade, mora sozinha e não tem religião específica, diz acreditar em Deus e já frequentou várias religiões. SL tem 78 anos de idade, mora com o filho e é da religião evangélica. AK tem 83 anos de idade, mora sozinha e é da religião espírita.

Os participantes, 1 homem e 7 mulheres, de 74 a 85 anos, frequentavam a instituição de duas a três vezes por semana, na época da pesquisa. Duas pessoas que participaram do grupo, sendo elas DÇ e SL, preferiram apenas escutar os relatos dos demais, fazendo poucas contribuições e preferindo se manter em silêncio.

Dimensões de análise

Dentro do grupo focal, foi realizada a pergunta disparadora “Quando vocês pensam sobre a morte e a finitude, o que passa pela cabeça de vocês e como se sentem?”. As respostas, perguntas, reflexões e discussões (gravadas e posteriormente transcritas) foram analisadas de acordo com a metodologia de análise dos discursos (Minayo, 2004). Foram selecionadas por parte dos pesquisadores as dimensões temáticas consideradas importantes de acordo com os objetivos da pesquisa.

O que é a morte para você?

Nesta primeira dimensão temática, os idosos participantes do grupo focal demonstraram uma visão natural sobre a morte, vendo essa e a finitude como algo que acontece a todos. CG declarou que: “acaba quem morre [...] morreu acabou”. CR, baseando sua visão sobre a morte a aspectos relacionados a sua religião, relatou:

A morte para mim é... nós estamos esperando a vinda do Senhor Jesus, né? [...] O dia que nós nascemos, nós já temos mesmo o dia marcado na nossa vida e o dia que Jesus ‘vai buscar nós’. Então a gente ‘tá’ esperando [...] eu quero morar com Jesus lá na Glória. Não quero ficar perdida aqui. Então a religião não salva ninguém, o que salva é o Senhor Jesus [...] o nosso corpo acaba, mas a nossa alma, ela é viva.

VF disse que:

Geração por geração, aí vem outra geração que também deve acabar, eu acho que Jesus já ‘tá’ voltando, porque tem tanta coisa ruim acontecendo, né? [...] eu já penso assim, quando a gente faz a passagem, morre, morre o corpo, mas o espírito vai pra Deus.

Os idosos não demonstraram resistências ou hesitações diante do tema em questão. Mesmo antes do tema ser introduzido de maneira direta durante o grupo focal, algumas falas e comentários de alguns deles durante os primeiros encontros trouxeram aspectos relacionados a morte de forma natural, não demonstrando desconforto em momento algum.

Vale destacar o espaço restrito para se falar sobre perdas, lutos e finitude nos espaços sociais, pois, como visto, a morte continua sendo um assunto evitado. Assim, as pessoas, especificamente os idosos, não são instigados a pensar sobre aspectos mais profundos e amplos acerca desta temática (como, por exemplo, questões financeiras, sofrimentos, decisões médicas etc.). A relação deles com a morte acaba sendo superficial, com o foco muitas vezes colocado no “pós vida”, não se atentando ao “aqui e agora”.

Eles não refletem especificamente sobre aspectos práticos da morte. Assim, a visão deles é baseada nos dogmas de suas religiões, eles não parecem se apropriar do “sentir a morte chegando”, de sua experiência singular no que diz respeito a morte e a finitude dos outros e de si. Eles não são instigados a ter esse contato mais direto e autêntico que os levaria a perscrutar suas percepções subjetivas.

Espiritualidade/Religião

Esta dimensão retrata os aspectos da espiritualidade e da religião que se fizeram presentes de forma massiva no grupo focal. A espiritualidade é um conceito mais amplo, pode ser compreendida como a busca pelo sentido da vida e do mundo, englobando reflexões e escolhas dos indivíduos associadas a uma ligação com o transcendente que dá significado às experiências pessoais (Doka 2002 *apud* Franco 2021, p.108). Já a religião é entendida como um "sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos destinados a facilitar a proximidade do indivíduo com o sagrado ou o transcendente" (Koenig, McCullough; Larson, 2001 *apud* Duarte; Wanderley, 2011, p. 50).

Muitas falas pareceram trazer à tona aspectos relacionados a uma espécie de “acerto de contas” em relação a uma figura divina, como se a partir de “boas ações” (ajudar e perdoar as pessoas, ter empatia, ter arrependimentos etc.), seria possível garantir uma morte tranquila.

CR relatou muito sobre o cuidado ao próximo e sua fé em Deus:

Eu gostava de ajudar muitas pessoas [...] eu ajudava até no negócio de cesta básica, eu ajudava, o que eu podia fazer, eu fiz. Ajudava a cuidar de pessoa idosa, ajudei a cuidar de um idoso até ele falecer. Com Deus eu acho que o que eu puder fazer até aqui, eu fiz [...] é impossível agradar Deus se não tiver fé Nele, ‘nós tem’ que ter fé só Nele porque Ele que tem poder, sem ele nós não ‘damo’ um passo pra frente, não é verdade? [...] ‘nós tem’ que caçar o jeito de viver o bem e fazer por ‘donde’ ajudar aqueles que ‘está’ caindo né, dar conselho bom, falar para eles saber com quem que anda e quem não anda, porque o negócio aqui tá ficando feio não tá? [...] ninguém é perfeito né? todo mundo tem defeito, se ‘nós achou’ que fez alguma coisa errada, tem que pedir a Deus perdão e corrigir e pedir perdão aquele que a gente ofendeu também.

GB discorreu sobre aspectos relacionados a situações em que esteve perto da morte, associando-os à questão religiosa:

Confio muito em Deus, já ganhei cinco livramentos já, difícil [...] quando eu ‘tava’ assim mal, mesmo, meio ‘tchon’ eu pensei que ia morrer, eu entreguei tudo, me arrependi de todo mal que tinha feito, entreguei na mão de Deus [...] nada mais certo do que a lei do retorno, o que você planta você vai colher [...] se você ‘fazer mal’ para uma pessoa, outro fará mal para você [...].

VJ acrescentou o foco na figura divina quando disse: “ninguém passa nada se Deus não quiser, a gente passa quando Deus quer [...]”. AK relatou sobre sua perspectiva:

A minha visão é essa, eu sou espírita, está escrito na bíblia, reconcilie com seu adversário enquanto estais nesta terra com ele [...] reconcilie com ele enquanto estais na Terra porque depois será julgado de acordo com o que você fez [...] mas aqueles que tem a consciência tranquila e reconciliou com os seus inimigos estão com Deus.

Percebe-se que a visão de todos eles a respeito da morte e da finitude se volta à espiritualidade e

à religião. Sobre tais aspectos, o psiquiatra britânico Parkes (2009 *apud* Franco, 2021, p. 107) “aponta a religião e a espiritualidade como recursos no enfrentamento do luto, associadas a um melhor ajustamento após a perda, contribuindo para o processo de construção de significados”. O fato de a temática da morte ter sido abordada pelos idosos como algo natural e não temida, pode ser articulado justamente à questão religiosa/espiritual, como salientou Franco (2021, p. 110): “[...] práticas religiosas estão relacionadas com menor risco de transtornos ansiosos - por exemplo, fobias (medo da morte [...]), estresse e dores crônicas”.

Franco (2021, p. 110) destaca alguns autores que abordam o “papel protetivo de crenças e práticas religiosas no enfrentamento da morte e na vivência do luto”. Isso foi possível observar nesta dimensão a partir da fala dos idosos participantes, que destacam a religião como base e principal foco para vivenciar e discutir as nuances presentes no tema proposto. Importante destacar, também, que as instituições religiosas são um dos poucos espaços que abordam a temática da morte e da finitude, enfocando o que acreditam que vem após a morte (a vida após a morte, a vida eterna ao lado de Deus).

Perdas

A terceira dimensão versa sobre aspectos relacionados a perdas. Houve um compartilhamento das perdas vivenciadas pelos idosos. CG relatou sobre as pessoas de sua família que faleceram: “eu perdi meus filhos ‘tudo’, eu tinha 7 filhos [...] como é que eu lidei com isso? senti muito, mas o que é que eu vou fazer? eu vou ficar contra Deus? [...] o meu marido morreu, marido e filhos [...]”. CR discorreu também sobre suas perdas:

Eu perdi um filho, eu estava internada no hospital, muito triste perder um filho, depois uma dor que nunca acaba [...] a gente ‘alembra’, fica aquele doído dentro da gente, não é? perder um filho é um pedaço do corpo da gente, não é horrível? [...] meu marido foi embora, me deixou, arrumou outra família [...].

VJ disse que esteve com alguns familiares em seus processos de morte e relatou: “Eu já passei por muita coisa com marido, passei com a minha cunhada, aquele câncer que não tinha mais jeito [...] a minha sogra enterrou os filhos ‘todo’, depois que veio a falecer, e assim foi vivendo”.

Embora algumas perdas tenham sido relatadas, os idosos abordaram essa questão de maneira mais superficial. Foram citadas poucas perdas associadas a mortes, e outras perdas possíveis e comuns na velhice (auditivas, visuais, de mobilidade etc.) não foram refletidas (apenas vagamente mencionadas), embora fosse evidente que se faziam presentes na vida deles, limitando-os em algumas interações e até mesmo no grupo focal realizado. Contudo, é importante levar em consideração algumas limitações (do tempo de realização do grupo focal, de liberdade de intervenção etc.). Tais limitações foram sentidas na medida em que, por mais que espaços tenham sido abertos para a exploração do tema, havia um limite de abordagem, dada a preocupação das psicólogas da instituição em não causar possíveis “crises emocionais” ou sofrimentos difíceis de serem manejados, corroborando com o que diz Kovács (2005) quando menciona que a morte continua sendo um tabu, não devendo ser falada por poder provocar sofrimento e constrangimento. É importante destacar que

O luto mal-elaborado está se tornando um problema de saúde pública, dado o grande número de pessoas que adoecem em função de uma carga excessiva de sofrimento sem possibilidade de que este seja elaborado. Esse mal também está afetando os profissionais de saúde, que cuidam do sofrimento alheio e que, muitas vezes, não têm espaço para cuidar da sua dor, levando ao adoecimento destes [...] (Kovács, 2005, p. 494).

Temor da morte?

Nesta quarta dimensão, quando questionados sobre o temor em relação a morte, todos os idosos disseram não temer seu último dia. É interessante salientar que todos eles relacionaram esse não temor (e até mesmo a temática da morte como um todo) a aspectos religiosos, de acordo com suas crenças pessoais.

VF naturalizou a morte dizendo: “eu não tenho medo de morrer não, eu sei que um dia vou morrer mesmo [...] não adianta nada ter medo, porque morre mesmo [...]”. CR justificou o motivo de não temer:

Não tenho medo sabe por quê? eu penso assim, quem tem Cristo, tem fé em Deus, Deus não vai ‘deixar nós’ [...] não, eu não tenho medo da morte, por que se ela tiver de vir, de qualquer maneira ela vem [...] a gente tem que tá preparado nessa hora, porque a gente deita na cama, que nem eu, não deito sem fazer minha oração, sem pedir a Deus pela família e por todo mundo, então se deita e não sabe se vai acordar, quantas pessoas deitam para dormir e não acorda.

CG relacionou a morte com a vontade de Deus:

[...] nós viemos aqui não foi para ficar, foi para passar um tempo [...] não sinto medo de nada, graças a Deus, sou crente muitos anos, eu acredito em Deus [...] a morte? a morte faz parte sim, porque nós temos um tempo para ‘nós viver’ aqui e outro tempo para Deus.

Quando perguntada diretamente se tinha medo da morte, VJ disse: “não, todos vamos morrer mesmo”. AK disse não temer a morte pois, por ser espírita, apresenta a crença em outras vidas, dessa forma, em seu relato, ela utilizou de sua visão para dizer: “você já pensou se a gente vivesse só uma vida? [...] nós temos várias vidas, enquanto a gente não reconciliar com tudo na Terra, a gente não está em paz com Deus, nós viemos aqui para isso [...] nós vamos nessa e vamos voltar na outra”.

A experiência de campo trouxe a questão do temor da morte mais por parte das profissionais do que dos idosos (pelo menos até o ponto em que foi permitido acessá-los). Desde o começo as profissionais se mostraram receosas sobre a temática da pesquisa, bem como em relação a reação que os idosos poderiam ter diante de tal assunto. Isso pode se relacionar a questão social do significado atribuído a morte, como Philippe Ariès (1977) retrata em seus estudos, no sentido da morte assumir um lugar “escondido”, um tabu, e que falar sobre ela remete a ideia de um “mau agouro”, algo que deve ser evitado e rapidamente resolvido (Kovács, 1992). Percebe-se então que

Educar para a morte é também preparar profissionais de saúde para lidar com ela (...). Os profissionais de saúde, na sua formação, deveriam ter a possibilidade de uma educação para a morte, preparar-se para lidar com a morte daqueles que estão sob seus cuidados (Kovács, 2005, p. 495).

Nessa instituição específica, seria interessante que os profissionais das diversas áreas que fazem parte da equipe multiprofissional tivessem acesso a essa educação para a morte, visto que, como trabalham com idosos é esperado que mortes (tanto simbólicas, quanto reais) se façam presentes em muitas ocasiões.

A morte nos noticiários

Por fim, esta última dimensão apresenta pontuações sobre a questão da morte retratada nos noticiários. Especificamente no dia 11/10/2023, quando foi realizado o grupo focal, estava sendo amplamente noticiado o conflito entre Israel e o Hamas. Além de uma senhora não ter participado do grupo pelo fato de estar abalada por notícias dessa guerra, tal conflito armado causador de muitas mortes foi tema levantado no grupo como, por exemplo, quando VF ilustrou suas angústias dizendo: “essas criancinhas que mataram lá fora, criancinha novinha, cortou o pescoço, quebrou as criancinhas. Neném, matou neném na mão, eu estava vendo televisão, na guerra lá fora, ‘cê’ viu? o que que é isso aí? é coisa boa?”. Quando essas notícias violentas foram abordadas, AK disse:

Quem não quiser acreditar ‘num’ acredita que daqui pra frente o mundo vai melhorar, vai sair aqueles que ‘precisa’ sair para deixar os outros, porque Deus nos criou, você acha que Deus ia nos criar para poder levar tiro, para morrer, para brigar, para matar, para fazer fofoca, não foi para isso.

VF também comentou sobre outro caso de morte que assistiu em algum telejornal: “não sei se você ‘viu falar’, um estudante da escola, de 16 anos, que que ele fez, ‘cê’ viu que que ele fez? passou com uma faca, chegou lá na escola, começou a discutir, esfaqueou dois, matou um, três no hospital e ele está preso, 16 anos”.

Percebe-se, desse modo, que para além das próprias vivências pessoais, a morte está presente em vários contextos sociais, o que leva, em algum momento, a reflexões sobre aspectos da morte e do morrer. Alguns idosos que abordaram sobre as notícias vistas na televisão expressaram aflição frente a impotência a respeito dos diversos crimes que rondam os noticiários, causadores da extinção de muitas vidas humanas. Sobre isto, Maria Julia Kovács (2008) discorre que

Muitas notícias trazidas pela TV têm características comuns, apresentando cenas e imagens fortes, de dor, perda e sofrimento que provocam sentimentos intensos, sem permitir tempo para reflexão e elaboração, sendo seguidas por comerciais ou por assuntos mais amenos. Esta é uma forma de banalizar a morte, com a ideia de chocar, mas não comprometer as pessoas, pois a vida deve continuar (Kovács, 2008, p. 465).

Considerando tal cenário, percebeu-se que os idosos se impactaram com as informações de violência e morte que circulavam nos canais de TV. Porém, o assunto logo era esquecido e eles não tinham espaço para expressar como se sentiam ao se deparar com tais circunstâncias. Nem mesmo no grupo focal foi possível intervir de modo que houvesse oportunidade para averiguar como eles se sentiam em relação a este tópico específico, visto que o tempo era limitado.

Considerações Finais

Ao analisar a percepção dos idosos sobre a morte e a finitude, nota-se que falar sobre tais temas pode ser complexo devido a algumas variáveis. Primeiramente, pode-se dizer que a temática por si só é considerada culturalmente polêmica e causa desconforto. Porém, considerando o fato de que a velhice traz consigo a dimensão da deterioração humana rumo ao fim da vida e, ainda, que a natureza humana nos mostra que é impossível obter o controle sobre todos os fenômenos da existência, se coloca a importância de locais onde seja possível fomentar discussões sobre temas que, embora angustiantes, possam proporcionar a elaboração de sofrimentos, contribuindo para uma melhor saúde mental das pessoas, neste caso específico, dos idosos. Falar sobre a morte e a finitude não tem o poder de extinguir

os acontecimentos e possíveis sofrimentos perante a terminalidade, mas tem a importância de permitir a expressão e a reflexão sobre o tema.

Em campo, as resistências encontradas ilustraram a evitação em tornar o tema discutível nos espaços sociais. É importante destacar que o tema não causou estranhamento nos idosos que participaram do grupo focal, visto que eles discutiram ativamente acerca dele, enxergando a morte como algo natural, articulando-a essencialmente a aspectos religiosos, mas não enfocando outras nuances, como as questões práticas cotidianas que englobam a morte.

Destaca-se a necessidade de se construir ambientes onde se possa acolher as questões emocionais mais intensas que perpassam a velhice, dentre elas as referentes a morte e a finitude. É fundamental que profissionais e pesquisadores que atuam dentro do contexto da saúde com os idosos trabalhem com a perspectiva de uma educação para a morte, com vistas a estarem aptos e capacitados para atuar junto a esta temática. É importante proporcionar aos idosos espaços de acolhimento, elaboração, reflexão, troca, ressignificação de experiências e tomada de decisões acerca de aspectos da vida: uma escuta que contemple questões sobre a vida/morte, oportunizando a expressão de sentimentos e elaboração de sentidos, legitimando e validando todos os sofrimentos que surgirem.

Dentro do contexto da Psicologia, considerando a prática psicológica como uma prática do cuidado, o psicólogo deve estar livre de tabus para que seja possível um verdadeiro encontro com o outro, levando em conta suas questões existenciais de forma autêntica e respeitosa. É essencial validar o protagonismo do idoso sobre sua própria vida. Isso pode vir a fortalecer um novo olhar e uma nova cultura de suporte aos idosos, que vá contra os estigmas e pré-conceitos existentes na atualidade, proporcionando uma melhor qualidade de vida às pessoas que estão nesta fase do desenvolvimento humano.

Pode-se concluir que os resultados deste estudo foram alcançados dentro do que foi possível, considerando as implicações e atravessamentos encontrados no campo. Como sugestão de estudos futuros, destaca-se a aplicação de pesquisa semelhante em outras instituições e contextos em que os idosos são mais ativos e que um maior número deles tenha condições de explorar o tema de maneira mais abrangente.

Conflitos de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse potencial com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

Referências

ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Ed. Especial (Saraiva de Bolso). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. ISBN: 978.85.209.3095-3.

ARIÈS, P. **O Homem diante da Morte**. Tradução Ana Rachaça. Portugal: Publicações Europa-América, Ltda., 2000.

BRASIL. **Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Estatuto da Pessoa Idosa. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 11 nov. 2023.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, Simone C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 1-23, jul./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923/pdf_1. Acesso em: 18 nov. 2023.

DEPOSIT PHOTOS. **Homem velho sombrio olhando para a cadeira perto dele** – Imagem de Stock. Recurso eletrônico. Disponível em: <https://depositphotos.com/pt/photo/gloomy-aged-man-looking-at-the-chair-near-him-149971774.html>. Acesso em 11 nov. 2023.

DUARTE, Flávia M.; WANDERLEY, Kátia da S. Religião e Espiritualidade de Idosos Internados em uma Enfermaria

Geriátrica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jan-Mar 2011, Vol. 27 n. 1, pp. 49-53. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/fQbxvWPkFPdmCyYHrMDXB3G/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 dez. 2025

ELA, a morte. Intérprete: Germano Mathias. **Compositor**: Elzo Augusto. In: TALENTO de Bamba. Intérprete: Germano Mathias. São Paulo. Gravadora Atração. 2002. 1 CD, faixa 8.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2021.

GIBERTI, G. M.; ROSA, H. R. Preparação para a morte: investigação fenomenológica sobre a experiência de idosos longevos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 31, e200069, 2020. DOI: 0.1590/0103-6564e200069. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202492/186572>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOVÁCS, M. J. (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgq7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/jQrBZXqtr35w7Y8pqCFcTJH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

KREUZ, G.; FRANCO, M. H. P. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento – Revisão Sistemática de Literatura. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v69n2/12.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

KLUBER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Trad.: Paulo Menezes. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MATTEDI, M. A.; PEREIRA, A. P. Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 50, p. 319-330, maio/ago., 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18770/12142>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo, SP: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, jul./dez. 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 18 nov. 2023.

PILETTI, N.; ROSSATO, S. M.; ROSSATO, G. **Psicologia do desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RESSEL, L. B. *et al.* O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 779-786, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/nzznnfzrCVv9FGXhwnGPQ7S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNChv7gm3srw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.